



**ALINE APARECIDA SOARES
LARA FERREIRA LOPES**

**A DIMENSÃO LÚDICO-PEDAGÓGICA NA EDUCAÇÃO
INFANTIL**

**LAVRAS – MG
2022**

**ALINE APARECIDA SOARES
LARA FERREIRA LOPES**

A DIMENSÃO LÚDICO-PEDAGÓGICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Pedagogia, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Licenciado Pleno em Pedagogia.

Prof. Dr. Alexandre Filordi de Carvalho
Orientador

**LAVRAS – MG
2022**

**ALINE APARECIDA SOARES
LARA FERREIRA LOPES**

A DIMENSÃO LÚDICO-PEDAGÓGICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

THE PLAYING-PEDAGOGICAL DIMENSION IN CHILD EDUCATION

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Pedagogia, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Licenciado Pleno em Pedagogia.

APROVADO em 02 de setembro de 2022.
Prof. Dr. Alexandre Filordi de Carvalho - UFLA.
Profa. Dra. Fernanda Barbosa Ferrari - UFLA.
Prof. João Augusto dos Reis Neto - UFSJ.

Prof. Dr. Alexandre Filordi de Carvalho
Orientador

**LAVRAS – MG
2022**

*“...um menino caminha e caminhando chega
no muro*

*E ali logo em frente, a esperar pela gente, o
futuro está*

*E o futuro é uma astronave que tentamos
pilotar*

*Não tem tempo nem piedade, nem tem hora de
chegar*

*Sem pedir licença muda nossa vida, depois
convida a rir ou chorar...”*

(Toquinho – Aquarela)

RESUMO

O presente trabalho busca mostrar a importância do lúdico na educação infantil, já que, muitas vezes, as escolas tendem ao ensino de conhecimento formal, leitura acadêmica, contagem e escrita sem preocupações que abranjam o mundo infantil. Destacaremos que esse imenso universo dos jogos, do brincar e do brinquedo podem contribuir no desenvolvimento motor, social, emocional e cognitivo das crianças, além de aperfeiçoar o processo de ensino-aprendizagem. As crianças têm o direito de brincar e, através das brincadeiras, elas equilibram as tensões e constroem sua própria marca e personalidade a partir do mundo cultural delas. O jogo se torna fundamental na vida da criança como instrumento indispensável ao seu pleno desenvolvimento enquanto recurso de integração, socialização e de superação de inúmeros desajustamentos de ordem psicossocial, ao mesmo tempo em que estimula a criatividade, o raciocínio, a investigação, dentre outros aspectos. Assim, todas as atividades desenvolvidas no âmbito da aprendizagem infantil devem partir do jogo como recurso desafiador com participação ativa das crianças na expectativa de construção do conhecimento. Nessa pesquisa será usado o método qualitativo, de caráter exploratório, guiado por meio de procedimentos bibliográficos e documental.

Palavras-chave: Lúdico. Desenvolvimento. Aprendizagem. Educação Infantil.

ABSTRACT

The following work seeks to show the importance of playfulness in child education, once schools often get tend to teach formal knowledge, academic reading, counting, and writing without worries penetrate the environment in which children are inserted. We will highlight that this immense universe of games, playing and toys can contribute to the motor, social, emotional, and cognitive development of children, in addition to improving the teaching-learning process. Children have the right to play and, through play, they balance tensions, build their own brand and personality from their cultural world. The game becomes something fundamental in the child's life as an indispensable tool for their full development, as a resource for integration, socialization, and overcoming innumerable psychosocial mismatches, while stimulating creativity, reasoning, research, among other aspects. All activities developed in the context of children's learning must start from the game as a challenging resource with the active participation of children in the expectation of building knowledge.

Keywords: Ludic. Development. Learning. Child Education.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
1.1 Justificativa	9
1.2 Objetivos	10
1.3 Metodologia da pesquisa	11
2 A FUNÇÃO DA EDUCAÇÃO INFANTIL E O BRINCAR	12
3 O BRINCAR E A ESCOLA	16
3.1 O jogo na Educação Infantil	17
3.2 O ambiente e os profissionais da Educação Infantil	19
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	24
REFERÊNCIAS	25

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho mostra que, através da ludicidade, é possível, sim, aprender brincando. Tanto os jogos como as brincadeiras ensinam regras, atraem a atenção, desenvolvem as características pessoais, sociais e culturais das crianças e promovem a saúde mental, bem como a interação social, a comunicação e a expressão das crianças. Porém, para que sejam aplicados com sucesso, a dimensão lúdica deve ser mediada pelo professor, que precisa realizar o objetivo da atividade pretendida e com finalidade pedagógica.

A educação lúdica pode ser, para a professora, um competente instrumento de unificação, de liberdade e de transformação das reais condições em que se encontra o educando. É uma prática desafiadora, inovadora e possível de ser aplicada. Ela deve saber usar os recursos no momento oportuno para que as crianças desenvolvam e construam o seu conhecimento de forma descontraída. É dessa forma que a criança constrói um espaço de experimentação e de transição entre o mundo interno e o externo. O papel do professor nesse quesito deve ser o de utilizar as brincadeiras como ferramenta de trabalho, atribuindo a elas significados e objetivos, pois brincar apenas por brincar não trará resultados imediatos e/ou esperados.

As atividades recreativas não são apenas momentos de diversão ou simples passatempos, mas, sim, momentos de descoberta, construção e compreensão de si mesmo, proporcionando autonomia, criatividade e motivação para a expressão pessoal. Dessa forma, possibilitam a aquisição e o desenvolvimento de aspectos importantes da estrutura de aprendizagem. Eles também permitem que educadores e alunos descubram, integrem e encontrem novas formas de educação para a vida. Dessa forma:

[...] as escolas infantis tornaram-se espaços de grande importância para o desenvolvimento e aprendizagem. Estas que estão inseridas na Constituição de 1988, e que contempla o caráter educacional destas instituições, passando a educação infantil a ser direito da criança e dever do estado, cabendo a este manter e dar a educação infantil uma constante integração e valorização com o cuidar, o educar e o brincar elementos fundamentais no processo de ensino e aprendizagem infantil. (SERRÃO e SERRÃO, 2015, p. 11).

As instituições de educação infantil que entendem isso, respeitam os direitos e as necessidades das crianças e, assim, não deixam de incluir o brincar e o brinquedo em suas aulas, pois:

Visando ao desenvolvimento integral da criança, cada vez mais os especialistas da Educação Infantil atentam para o fato que através do brincar as crianças constroem sua afetividade e fazem suas descobertas da sua própria maneira de ser. (BRENNAND, 2009, p. 121).

Segundo Kishimoto (2010), brincar é uma ação livre que surge a qualquer momento, iniciada e realizada pela criança; dá prazer, não requer um produto final como condição, é relaxante, trabalha a participação, a linguagem, o desenvolvimento de habilidades e introduz a criança ao mundo imaginário, permitindo que ela experimente o poder de explorar o mundo dos objetos, das pessoas, da natureza e da cultura, compreendendo-o e expressando-o através de diferentes linguagens.

De acordo com Dallabona e Mendes (2004, p. 2):

O lúdico permite um desenvolvimento global e uma visão de mundo mais real. Por meio das descobertas e da criatividade, a criança pode se expressar, analisar, criticar e transformar a realidade. Se bem aplicada e compreendida, a educação lúdica poderá contribuir para a melhoria do ensino quer na qualificação ou formação crítica do educando quer para redefinir valores e para melhorar o relacionamento das pessoas na sociedade.

De acordo com Souza, Marques e Brait (2008), jogos e brincadeiras vão muito além de regras e técnicas de movimento, proporcionando experiências significativas que não são meras imitações de gestos ou meras distrações. Por seu lado, as crianças brincam, imaginam-se e abstraem-se numa prática intensa e contínua de atividade motora, pelo que devemos considerar a possibilidade de a utilizar como estratégia de abordagem intencional destinada a ensinar algo, encarando-a como um momento de criação e construção, mas mantendo seu caráter lúdico e valorizando sua espontaneidade, o que pode proporcionar prazer e promover a compreensão do brincar e do brinquedo como atos simbólicos e sociais. Assim:

O lúdico contribui diretamente para o desenvolvimento da criança, uma vez a brincadeira torna a aprendizagem significativa e acima de tudo prazerosa, o que proporciona ao aluno aprender sem que se dê conta disto. A ludicidade é parte integral do mundo das crianças e que isso torna-se notório que as instituições de ensino não devem ignorar este fato. Cabendo aos professores entender que o ensino lúdico deve ser um parceiro para o seu dia-a-dia dentro de sala de aula. (BORGES, 2019, online).

Santin (2001) afirma que a maior diferença que existe entre o adulto e a criança é que o primeiro vive num mundo de resultados, seriedade, produtividade; a criança no reino da imaginação, entregue ao brinquedo, sem preocupar-se com planejamentos e resultados.

Outro fator importante que exerce influência sobre a infância é que muitas famílias, de modo geral, na sociedade capitalista atual, não têm tempo para brincar com seus filhos, pois trabalham fora e distanciam-se de muitos momentos importantes da sua infância. E, ainda, quando estão presentes, não disponibilizam de tempo para brincar e acompanhar suas atividades.

Assim, os jogos e brincadeiras infantis, até mesmo aqueles que fazem parte do nosso folclore, estão esquecidos, pois são passados de geração para geração, relação essa que vem sendo encurtada ao longo do tempo.

Em meio a tantas transformações sociais, econômicas e tecnológicas, a “evolução” das atividades lúdicas das crianças vem sendo uma preocupação entre os educadores, pois são inúmeras as diferenças do brincar de antigamente para o brincar atual e, cada vez mais rápido, ocorrem transformações, até mesmo a falta de tempo para brincar.

Segundo Machado (2004), o brincar encontra-se no espaço do sonho. Uma criança livre e feliz brinca quando come, quando sonha, quando faz seus pequenos discursos poéticos.

O brinquedo traduz o real para a realidade infantil. Suaviza o impacto provocado pelo tamanho e pela força dos adultos, diminuindo o sentimento de impotência da criança. Brincando, sua inteligência e sua sensibilidade estão sendo desenvolvidas: a qualidade de oportunidades que estão sendo oferecidas à criança através de brincadeiras e de brinquedos garante que suas potencialidades e sua afetividade se harmonizem.

1.1 Justificativa

A idade da criança é de grande relevância, considerando o brincar nas primeiras fases do ensino básico. Desse modo, é preciso pensar na organização do espaço como um ambiente acolhedor e prazeroso, um lugar onde as crianças sintam-se encorajadas e autônomas para brincar e criar suas brincadeiras. Com o lúdico, é possível formar atitudes sociais como cooperação, socialização, respeito mútuo, interação entre líderes e personalidade, caminhos que conduzem e cultivam o conhecimento dos alunos.

A escola ainda se preocupa em treinar pessoas úteis moralmente, uma pessoa disciplinada e tecnicamente preparada para o trabalho, a fim de formá-las para uma nova

sociedade: a sociedade da ciência, tecnológica e industrial.

De acordo com Debartoli (2006, p. 84), conforme citado por Silva (2011, p. 22):

Brincadeira na escola, só se tiver uma utilidade clara: domar o caráter, aprender e competir, compreender que nem todos vencem, desenvolver habilidades e comportamentos auxiliar outras aprendizagens escolares, aliviar tensões de aulas chatas e sem significado para as crianças.

É seguro afirmar a importância de trabalhar o lúdico na escola reconhecendo suas contribuições para o processo ensino aprendizagem. Percebemos que alguns educadores deixam de usar essa ferramenta ou ainda a utilizam de forma descontextualizada e sem uma intencionalidade de ensino por não saberem empregar a ludicidade em sua práxis docente. Na perspectiva do brincar como um instrumento inovador, consideramos que tal prática se torna, dentro da escola ou fora dela, um fator potencialmente favorável para a transformação social de grupos e indivíduos, colaborando com o seu processo de aprendizagem.

O fundamento principal dessa pesquisa é constituir o lúdico e o ato de brincar como uma ferramenta pedagógica que precisa de atenção. Assim, como futuras profissionais da área, é de suma importância que tenhamos propriedade da temática para que nossas práticas vão além da mediação da aprendizagem, sendo uma contribuição aprazível para a construção do próprio eu, instigando a interação social do meio em que os sujeitos estão inseridos.

Brincar pode ajudá-los a aprender, a lidar com as emoções, a equilibrar as tensões geradas por seu mundo cultural e a construir sua própria personalidade, marca pessoal e personalidade. Sendo assim, a escola deve utilizar atividades lúdicas para promover a aprendizagem, as quais irão criar um ambiente de alfabetização que é favorável à autonomia da aprendizagem. Portanto, o conhecimento escolar deve ser valorizado na sociedade e a alfabetização deve ser um processo enérgico e criativo por meio de jogos, brinquedos, brincadeiras e música.

1.2 Objetivos

OBJETIVO GERAL:

- Analisar as contribuições da dimensão lúdica como ferramenta de ensino.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- Citar a relação entre criança, brinquedo e educação;
- Discutir aspectos técnicos de introdução da educação lúdica e da organização do trabalho pedagógico nas instituições educacionais;
- Relacionar a importância do brincar na aprendizagem infantil;
- Enfatizar a importância da criança como produtora de cultura.

1.3 Metodologia da pesquisa

Tomando como ponto de partida o objetivo desta pesquisa, que é analisar as contribuições da dimensão lúdica como ferramenta de ensino, optamos por adotar um método qualitativo, de caráter exploratório, guiado por meio de procedimentos bibliográficos e documental, que acreditamos ser o mecanismo norteador mais adequado para garantir o objetivo esperado. A finalidade da pesquisa qualitativa é o fenômeno que intercorre em um deliberado tempo, lugar e cultura, ou seja, tópicos que não podem ser quantificados em equações e estatísticas. Em vez disso, os símbolos, crenças, valores e relações interpessoais de um determinado grupo social são estudados. Para isso utilizamos autores como Kishimoto (2010), Brennan (2009), Borges (2019), Debartoli (2006), Oliveira (2010), Silva (2015), Vygotsky (1987), Piaget (1971), entre outros.

Será uma pesquisa teórica a fim de contribuir e aprimorar a compreensão do conteúdo, favorecendo, assim, o melhor embasamento relacionado aos pressupostos científicos centrais da temática, de maneira que enfatize que os jogos e as brincadeiras são de extrema importância na aprendizagem e no desenvolvimento infantil. A recuperação dos jogos e brinquedos funcionam como alternativa eficaz para o fortalecimento dos processos interativos e enriquecimento da cultura infantil. Assim, através do brincar, se faz possível adentrar em cada cultura, investigando o cotidiano da criança e suas reais particularidades e possibilitando que a criança possa manifestar seu universo interior. A pesquisa em si busca realçar tais ideais e desbravar esse universo de modo que mostre a sua potencialidade e importância.

2 A FUNÇÃO DA EDUCAÇÃO INFANTIL E O BRINCAR

A qualidade na Educação Infantil e os seus princípios pedagógicos se destacam como fatores fundamentais para o ensinar e o aprender, fatores estes que estão delineados no Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI), de 1998, que é um conjunto de reflexões de cunho educacional sobre objetivos, conteúdos e orientações didáticas que norteiam educadores que atuam diretamente com crianças de 0 a 6 anos, assim contribuindo para o planejamento, o desenvolvimento e a avaliação de práticas educativas, além da construção de propostas educativas que respondam às demandas das crianças e dos seus familiares nas diferentes regiões do país, respeitando seus estilos pedagógicos e a diversidade cultural brasileira. Por meio deste, é possível identificar as contribuições das diferentes áreas do conhecimento que compõem a organização das atividades a serem desenvolvidas junto à educação. O RCNEI pode ser compreendido como uma ferramenta de estímulo à reflexão e não visto apenas como um manual a ser seguido.

De acordo com o RCNEI (1998), a respeito da importância e dos significados da ludicidade como princípio didático das práticas pedagógicas na Educação Infantil, a criança é um ser social e histórico que está em processo de formação. O cuidar e o educar são experiências elementares que fundamentam a ação pedagógica, indicando uma aproximação entre dimensões educacionais e sociais e propondo aí outro método que possa possibilitar a aprendizagem de maneira lúdica, que é o brincar na infância, uma vez que a criança pequena aprende, se integra e se socializa com todos aqueles que estão ao seu redor por meio da brincadeira. Segundo o Referencial (1998, p. 47), “intenções educativas que estabelecem capacidades que as crianças poderão desenvolver como consequência de ações intencionais do professor. O que auxilia na seleção de conteúdos e os meios didáticos a serem utilizados.”

Nessa etapa da vida, pode-se entender que a criança é um ser dependente do outro para sobreviver e aprender. Esta condição de dependência não deve ser entendida como fragilidade ou incapacidade, mas como fator estimulante para o desenvolvimento infantil. Portanto, a criança é um sujeito social, que aprende e se desenvolve no processo das interações sociais.

De acordo com Kishimoto (2010):

Todo o período da educação infantil é importante para a introdução das brincadeiras. Pela diversidade de formas de conceber o brincar, alguns tendem a focalizá-lo como característico dos processos imitativos da criança, dando maior destaque apenas ao período posterior aos dois anos de idade. O período anterior é visto como preparatório para o aparecimento do lúdico. No entanto, temos clareza de que a opção pelo brincar desde o início da

educação infantil é o que garante a cidadania da criança e ações pedagógicas de maior qualidade. (KISHIMOTO, 2010, p. 1).

Fantacholi (s.d.) destaca que o brincar é fundamental para o desenvolvimento das crianças, pois, através deles, pode-se mudar e produzir novos significados. Quando a criança é estimulada, observa-se que ela quebra a subordinação ao objeto em seu próprio processo de desenvolvimento, lhe dá um novo significado e expressa seu caráter positivo. Na educação, principalmente na educação infantil, os jogos são uma ferramenta poderosa para a aprendizagem experiencial, pois permitem que a aprendizagem seja vivenciada como um processo social por meio dos jogos. O objetivo do jogo é possibilitar uma alfabetização significativa na prática educativa. Além de conhecimento, ideias e significado, a ludicidade também pode promover o desempenho escolar.

Dessa forma, brincar é uma ação. Brincar é pensar, criar, transformar e ser livre. A brincadeira é uma experiência para potencializar tudo o que inclui o brincar. Um brinquedo pode ser fruto de uma brincadeira, como um carrinho feito de papelão, tampas e outros materiais, feito pela própria criança, ou pode ser tradicional, criado por adultos, com instruções prescritivas, regras, como trabalho dirigido:

A liberdade para brincar serve de elo entre diversas atividades a serem aprendidas e desenvolvidas pelo ser humano. Ajuda na formação da identidade, na capacidade de autonomia, na memória e principalmente na evolução da imaginação, que é um dos elementos fundamentais para a aprendizagem das relações pessoais. É durante uma brincadeira e através delas, que as crianças aprendem novos conceitos e se preparam para o mundo. A característica principal de poder brincar é a liberdade dada ao indivíduo. Diferentemente de jogar, brincar não exige da criança mais do que ela pode dar. (CONCEITOS, 2013).

É através da brincadeira que as crianças conseguem se expressar e usar seu tempo livre de forma espontânea, criativa e, acima de tudo, libertadora. Cada criança brinca apenas quando quer. Por serem não obrigatórios e não competitivos, não levam ao fracasso, tornando esse ato ainda melhor. Portanto:

Brincar é então uma atividade humana, da qual, normalmente as crianças, fazem parte de forma espontânea tornando-se uma maneira de viver e recriar as diversas atividades e experiências sócio-culturais dos adultos. Nesta atividade unem-se imaginação, fantasia e realidade interagindo e dando margem a novas interpretações e produções na ação das crianças e atuando em suas relações com outras crianças e com o mundo. Além do mais, serve de meio para aprendizagem de verdadeiros conceitos cognitivos. (CONCEITOS, 2013).

Brincar envolve uma atitude positiva em relação à vida. Através da brincadeira, podemos fazer coisas, não apenas pensar ou desejar, porque brincar é fazer. Brincar é algo que envolve o corpo, os objetos, o tempo e o espaço. Dessa forma:

Brincar de forma livre e prazerosa permite que a criança seja conduzida a uma esfera imaginária, um mundo de faz de conta consciente, porém capaz de reproduzir as relações que observa em seu cotidiano, vivenciando simbolicamente diferentes papéis, exercitando sua capacidade de generalizar e abstrair. (MELO & VALLE, 2005, p. 45).

Piaget (1971, p. 67) diz que “quando brinca, a criança assimila o mundo à sua maneira, sem compromisso com a realidade, pois a sua interação com o objeto não depende da natureza do objeto, mas da função que a criança lhe atribui”. Vale ainda dizer que:

A brincadeira infantil constitui a principal atividade promotora do desenvolvimento da criança. [...] ela promove uma série de aprendizagem e revoluciona o desenvolvimento da criança [...], ela seria uma oportunidade para recriação da cultura em um contexto interacional cheio de conflitos, de posições diversas. Brincar dá à criança oportunidade para refletir sobre as regras sociais e reconhecer não apenas o seu papel, como também o de seus parceiros. (OLIVEIRA, 2010, p. 43).

Para Oliveira (2010), brincar permite que as crianças superem barreiras importantes para suas oportunidades de atuação. A autora conclui que, no brincar, as coisas perdem o poder de determinar o comportamento da criança, que passa a agir fora do que vê. Portanto, embora na vida real a ação domine o sentido, na peça é o sentido que domina a ação:

Brincando, ela representa o universo dos adultos, das ferramentas, utensílios domésticos, meios de transporte, relações espaciais em escala (casa, rua cidade) e também das relações humanas [...] a brincadeira é o laboratório, lugar destinado às pesquisas e experiências. (ZATZ, 2012, p. 13).

Conforme Silva (2015), uma criança pequena começa a brincar com as pessoas que cuidam dela. Quando os adultos interagem com uma criança, seu comportamento é muito influenciado pelo que a criança fez, está fazendo ou fará. Do ponto de vista da criança, o adulto é um objeto interessante, pois é capaz de responder de forma ativa, flexível e dependente em relação às ações e expectativas da criança. Incapaz de dominar e controlar os acontecimentos do mundo externo, porque pode ser limitado a possibilidade de movimento, o adulto assume o papel do primeiro brinquedo, o primeiro “objeto” que a criança pode tentar

controlar e colocar sob ao seu controle:

Se o adulto é o primeiro brinquedo, o objeto com o qual a criança pode experimentar o seu próprio poder, então as primeiras brincadeiras são constituídas por situações felizes compartilhadas por adulto e criança. O valor lúdico desses rituais com o bebê (conversações frente a frente, gestos e palavras trocados no momento da higiene, da refeição, do banho, antes de dormir) consiste no alto grau de previsibilidade para a criança, que torna esses rituais tranquilizadores. À medida que o bebê se desenvolve, a atenção dele se dirige a tudo aquilo que está ao alcance de suas mãos, ao que é possível fazer com as mãos. Ele passa a brincar com o próprio corpo. Mais tarde, a brincadeira do “esconder e achar” com o adulto, nos seus aspectos cognitivos e afetivos, mostra a evolução do relacionamento com o objeto e que essa relação entre criança e objetos é dotada de qualidades sociais e de valores comunicativos. Os jogos tornam-se interativos – triálogos (a três) – o adulto amplia o próprio diálogo com a criança até incluir o brinquedinho, alternando, de forma rítmica, a voz, o gesto, ao balançar um chocalho. Há também a intervenção da criança pela vocalização e pelo olhar, ao deslocar a atenção do próprio rosto ou das próprias mãos para o objeto (brinquedinho). A partir desses jogos “a três”, a criança começa a apreciar e a utilizar o brinquedinho sem a ajuda do adulto e como forma de comunicação com o ambiente. São considerados como instrumentos de expressão. São linguagens. (SILVA, 2015, p. 9).

Quando a criança brinca, explora e maneja tudo ao seu redor, com esforço físico e mental e sem se sentir forçada por um adulto, ela começa a desenvolver sentimentos de liberdade e satisfação com o que faz. Afinal:

O brincar desperta a curiosidade das crianças pela exploração de objetos e brinquedos e as leva a ver o que se pode fazer com cada objeto: uma bola pode rolar, pular, mas pode também ser mordida para se experimentar a textura. A criança se encanta quando descobre o botão que aciona o som da caixa de música e o aciona repetidas vezes pelo prazer de ouvir o som. Encanta-se quando vê reaparecer um objeto que enfiou na abertura de uma caixa. Questiona a razão de a água não parar na peneira, o que a faz pensar na hipótese de “segurar” a água com a mão debaixo da peneira. É assim que as crianças vão aprendendo — experimentando e repetindo várias vezes, em contato com os objetos do mundo físico — o que cada coisa faz e o que se pode fazer com cada coisa. (KISHIMOTO, 2010, p. 11).

Segundo Kishimoto (2010), a criança explora o mundo, vê casas, prédios, morros, florestas, árvores com flores e frutas, pássaros, animais, nuvens, céu, plantas, rios e córregos, jardins, estradas, bueiros, lixo, fumaça industrial, manguezais, supermercados e carros. E, assim, brincando sozinha ou com seus amigos, ela começa a entender o mundo em que vive.

3 O BRINCAR E A ESCOLA

Brincar é uma forma de as crianças descobrirem o mundo ao seu redor, de usarem e gerarem sua própria cultura. Durante a brincadeira, as crianças podem não apenas socializar, mas também criar e recriar conceitos, experimentar e testar novas possibilidades. A brincadeira existe em diferentes situações no cotidiano das escolas infantis. Ao brincar, as crianças desenvolvem a imaginação, a criatividade, diferentes habilidades e aprendem a conviver e a interagir com os outros, superando o egocentrismo e estabelecendo várias relações interpessoais.

Dallabona e Mendes (2014, p. 2 apud SANTOS, 1999) trazem algumas considerações sobre o brincar:

- do ponto de vista filosófico, o brincar é abordado como um mecanismo para contrapor à racionalidade. A emoção deverá estar junto na ação humana tanto quanto a razão;
- do ponto de vista sociológico, o brincar tem sido visto como a forma mais pura de inserção da criança na sociedade. Brincando, a criança vai assimilando crenças, costumes, regras, leis e hábitos do meio em que vive;
- do ponto de vista psicológico, o brincar está presente em todo o desenvolvimento da criança nas diferentes formas de modificação de seu comportamento;
- do ponto de vista da criatividade, tanto o ato de brincar como o ato criativo estão centrados na busca do “eu”. É no brincar que se pode ser criativo, e é no criar que se brinca com as imagens e signos fazendo uso do próprio potencial;
- do ponto de vista pedagógico, o brincar tem-se revelado como uma estratégia poderosa para a criança aprender. (DALLABONA e MENDES, 2014, p. 2 apud SANTOS, 1999).

Dallabona e Mendes (2014) destacam que a criança brinca porque brincar é uma necessidade básica, assim como a alimentação, a saúde, a habitação e a educação são vitais para o progresso do potencial infantil. Para manter o equilíbrio com o mundo, a criança precisa brincar, jogar, criar e descobrir. As atividades lúdicas tornam-se mais vultosas à medida que se desenvolvem.

Ademais, de acordo com Batista e Ribeiro (2013), diversos professores têm negado esse tempo e espaço do brincar e da brincadeira, julgando ser uma perda de tempo, pois desconhecem o papel da brincadeira no desenvolvimento e valorizam apenas os conteúdos teóricos onde, às vezes, até a quantidade é mais importante que a qualidade. Os alunos passam grande parte de suas vidas na escola e, diante disso, o espaço para que brinquem e se desenvolvam é de grande importância.

Dessa forma, levando em consideração a realidade da maioria das escolas, o uso de jogos em sala de aula, por exemplo, não é fácil: há a falta de materiais, a falta de planejamento de tempo, as condições de trabalho, entre outros aspectos. Isso, muitas vezes, se torna um obstáculo para os professores usarem métodos mais atraentes para as crianças, como os jogos e as brincadeiras.

3.1 O jogo na Educação Infantil

Segundo Caroline (2019), o jogo se destaca como ferramenta básica no ambiente escolar, onde existem diversos momentos de competição. Quando as crianças ficam curiosas para chegar a esse ponto no jogo, um progresso está sendo feito. A criança começa a ver os pontos negativos, que são quando se perde, e os positivos, que são quando se ganha o jogo. Com isso, vão expressando sua maneira de se comunicar com seu amigo. Nesse momento, a criança desenvolve sua independência, seu lugar e sua própria visão:

O jogo é essencial para a vida de uma criança, pois ela começa a descobrir suas habilidades, seus erros, seus acertos, como um treinamento praticado no dia a dia, desenvolvendo a construção de seus valores e suas crenças. Hoje em dia, as crianças são muito automáticas, aprendem muito rápido, gostam de invenções, criam personagens, etc. O jogo, muita vez, é percebido como algo desafiador, competitivo, no qual, a criança vai além de sua imaginação. (CAROLINE, 2019, p. 4 apud PEREIRA e SOUZA, 2015).

Assim, o jogo no processo educativo pode ser considerado como um recurso pedagógico que faz parte do uso das brincadeiras e que possui alguns pontos reflexivos. Além disso, muitos estudos relacionam a brincadeira com a autonomia e a liberdade, de modo que o recurso do jogo serve para esta potencializar essas finalidades.

Com relação ao jogo, Piaget (1998) admite que ele é crucial na vida da criança, pois prepondera a assimilação. Para Piaget, a assimilação é um termo que se refere a parte do processo de adaptação humana. Por meio da assimilação, as pessoas são capazes de capturar e de acessar novas informações e incorporá-las aos pensamentos existentes dentro delas. Nesse sentido, a assimilação é sempre subjetiva, pois cada sujeito integra essa nova informação de forma única e pessoal e, de uma forma ou de outra, tende a associá-la a crenças já existentes.

No jogo, a criança se apropria daquilo que percebe da realidade. Para Piaget (1978), o jogo infantil é dividido em três tipos: jogos de exercício, jogo simbólico e jogo com regras.

Pellegrine (2007), em seu texto, aborda que o jogo com exercício ocorre na primeira infância, por volta dos 18 meses de idade, e é uma forma de movimento repetitivo que proporciona uma certa diversão para os bebês. Após um ano de vida, essas ações perdem seu valor e, através da combinação de movimentos da parte superior do corpo, tornam-se um novo palco nos jogos de exercício, a construção. Portanto, os jogos com exercício são situações repetidas por puro prazer. O que importa é a possibilidade de repetição: é assim ocorre a formação de hábitos.

Após esse período, aproximadamente entre 2 e 4 anos, surgem os jogos simbólicos, que são representações físicas da imaginação. Esses exercícios, onde a criança usa sua imaginação, primeiro individualmente, representam papéis, situações, comportamentos e realizações. Ou seja, nessa fase, os jogos satisfazem a necessidade da criança não apenas de lembrar o que aconteceu mentalmente, mas de fazer representações. Suas características são: isenção de leis (exceto aquelas criadas pela criança); a ausência de uma intenção clara ou razoável da criança; semelhança com a própria realidade; o desenvolvimento do pensamento e da inventividade; e sua própria lógica com o real.

O último tipo de jogo é um jogo com regras e ocorre a partir dos 5 anos. Aqui, as crianças vão do indivíduo para a comunidade. Os jogos têm regras básicas, exigem cooperação entre as crianças e permitem que elas aprendam regras de comportamento. Também permitem o respeito às opiniões e argumentos e favorecem a construção de relações afetivas. Assim, os jogos com regras são repassados na sociedade de criança para criança ou por adultos e, portanto, ganham importância de acordo com o progresso de seu desenvolvimento social.

Ao utilizar jogos com regras, segundo Piaget (1978), as atividades lúdicas atingem um caráter educativo, tanto na formação psicomotora, quanto na formação da personalidade infantil. Por isso, valores morais como honestidade, lealdade, paciência, respeito social e muitos outros são formados:

Piaget mostrou que os jogos de regras são considerados como uma ferramenta indispensável para este processo. Através do contato com o outro a criança vai internalizar conceitos básicos de convivência. A brincadeira e os jogos permitem uma flexibilidade de conduta e conduz a um comportamento exploratório até a consecução do modelo ideal de se portar, com o próximo, resultado de experiências, conflitos e resoluções destes. (PELLEGRINE, 2007, p. 15).

Além disso, conforme Mukhina (1996), crianças mostram em drama toda a

diversidade do jogo da realidade circundante: elas produzem cenas da vida familiar e de trabalho, mostram eventos relevantes (como voos espaciais), etc. A vivência, quando representada em jogos, torna-se um argumento para um jogo maravilhoso. Quanto mais ampla é a verdade que as crianças conhecem, mais amplos e variados serão os argumentos de seus jogos. Portanto, uma criança pré-escolar tem argumentos mais limitados do que uma mais velha. Crianças de 5 a 6 anos brincam de mães e filhos, de convidados e também de construir pontes.

3.2 O ambiente e os profissionais da Educação Infantil

Segundo Bozzo e Caputti (2013), o sucesso do processo de ensino-aprendizagem depende, em grande parte, da interação professor-aluno e, nessa relação, da atividade fundamental do professor, que:

Deve antes de tudo ser um facilitador da aprendizagem, criando condições para que as crianças explorem seus movimentos, manipulem materiais, interagem com seus companheiros e resolvam situações-problemas. Com o ato brincar, espera-se que as relações entre as crianças possam contribuir nas atividades apresentadas pelos professores para enriquecer à dinâmica das relações sociais na sala de aula. (BOZZO e CAPUTTI, 2013, p. 2).

Por isso, é importante permitir que a criança tome decisões, escolhas, descobertas e soluções, pois, ao contrário, será entendido como apenas mais um exercício. Afinal:

Para promover a aprendizagem das crianças no contexto escolar, é necessário estabelecer relações entre sentimentos, ideias, palavras, gestos e ações. Nesse sentido, a realização de uma observação e escuta sensível das ações das crianças nos diferentes momentos da rotina na escola, fornece elementos importantes para educador refletir e planejar as ações que serão desenvolvidas com a finalidade de promover o desenvolvimento e as aprendizagens das crianças. (FIDENCIO, 2013, p. 23).

Por conseguinte, de acordo com Fidencio (2013), pode-se entender que a prática escolar deve respeitar, compreender e acolher o universo infantil para desenvolver nas crianças a capacidade de gerar conhecimentos básicos para o próprio desenvolvimento:

Para tanto, a proposta de inserir a brincadeira no planejamento feito pelo professor de educação infantil se faz necessário. Assumir a postura de professor comprometido com desenvolvimentos crianças e aprendizagem através das situações brincar livre estruturado. [...] Quando adulto passa a

estruturar o espaço intervir nas brincadeiras das crianças, a brincadeira deixa de ser livre e passa ser estruturada, seja ela com a oferta de materiais em que criança possa explorar, ou com a proposição de estrutura e desafios. (FIDENCIO, 2013, p. 24).

Com a inclusão das brincadeiras, a prática pedagógica tem se tornado cada vez mais prazerosa, pois pode aproximar o professor do mundo infantil e observá-lo de forma mais correta. Para isso, ele precisa compreender a criança (de onde ela vem, seus pensamentos, seus valores, suas histórias de vida e sua descrição do mundo) a fim de realizar uma intervenção que tenha significado e faça sentido em relação ao repertório da história da criança. Para criar um ambiente de aprendizagem significativo, as educadoras precisam não apenas de conhecimento teórico sobre os níveis de desenvolvimento das crianças, mas também de experiência prática relacionada às possibilidades de exploração proporcionadas pelos jogos.

De acordo com Vygotsky (1984, p. 97):

A brincadeira cria para as crianças uma “zona de desenvolvimento proximal” que não é outra coisa senão a distância entre o nível atual de desenvolvimento, determinado pela capacidade de resolver independentemente um problema, e o nível atual de desenvolvimento potencial, determinado através da resolução de um problema sob a orientação de um adulto ou com a colaboração de um companheiro mais capaz.

Quando o professor(a) percebe a importância de si mesma no processo de interação com as crianças, ele(a) se considera um sujeito que contribui ativamente para o desenvolvimento e a aprendizagem das crianças. Assim, nota-se, ainda, que os membros da família intervêm em diferentes ambientes de jogo e tornam-se possíveis mudanças na forma de intervenção de brincar com a criança. Com isso:

As atividades pedagógicas trabalhadas pelos professores, que usam o brincar como suporte, são utilizadas como treino de coordenação motora fina, aprendizagem do alfabeto, numerais ou outras habilidades. Conseqüentemente, o brincar como expressão máxima da fantasia, das representações, da imaginação, da criatividade, da autonomia, da socialização, vai perdendo cada vez mais espaços nas instituições. Tal fato poderia estar relacionado ao modo como o brincar está inserido nas rotinas das instituições e nos projetos pedagógicos, em termos de concepções e de atividades. (CARVALHO, ALVES, GOMES, 2005, p. 9).

Conforme afirmam Dellabona e Mendes (2004), é preciso respeitar o tempo da criança para ser criança: sua forma muito original de ser e de estar no mundo, de o viver, de o

encontrar, de o conhecer, tudo ao mesmo tempo. O brinqueado é a estrada que uma criança percorre para chegar ao coração das coisas, revelar segredos ocultos com uma aparência surpreendente ou abraçar, superar o medo, explorar o desconhecido. Portanto:

Se entendermos o conhecimento como uma representação mental, devemos saber que ensinar é um convite à exploração, à descoberta, e não uma pobre transmissão de informações e técnicas desprovidas de significado. Aprender a pensar sobre diferentes assuntos é muito mais importante do que memorizar fatos e dados a respeito dos assuntos. A própria criança nos aponta o caminho no momento em que não utiliza nem precisa utilizar as energias vãs despendidas pela escola, sacrificadas e coroadas pelo descrédito, porque desprepara seus alunos. (DALLABONA E MENDES, 2004, p. 4).

Além disso, há algumas indagações que merecem ser destacadas quando se pensa em realizar uma análise crítica que permita repensar como estão sendo desenvolvidas as práticas pedagógicas dentro das instituições de educação infantil, pois a grande maioria das escolas e centros de educação infantil se encontra com muitas deficiências de infraestrutura, de formação de professores, de materiais e apoio pedagógico e de atividades apropriadas.

Um dos principais critérios utilizados internacionalmente como meio avaliativo de qualidade das escolas, em qualquer nível de ensino, é o tipo de formação prévia dos professores ou educadores que trabalham diretamente com os alunos. Espera-se que as crianças aprendam com um professor que possui uma bagagem metodológica atualizada que se conecta ao contexto dos alunos, que possa remanejar uma turma sabendo lidar com os diferentes graus de dificuldades dos mesmos. Porém esse é um campo onde precisa-se de mais inovação para superar expectativas. É necessário se perguntar o que se espera de um professor de educação infantil e como é possível conseguir um profissional ideal quando a maioria deles, que geralmente estão inseridos nas escolas públicas, não têm formação adequada, são desmotivados e mal remunerados, o que os tornam alguns dos mais afetados nesse ciclo. É de suma importância a análise das competências e das habilidades do professor que atua nesse nível de ensino para, então, esclarecer o quanto a formação docente é fundamental para que a criança se desenvolva e adquira uma aprendizagem com significado. Não há resposta simples ou uma solução imediata, mas a necessidade da formação contínua é um caminho que permite o alcance das expectativas de um ensino de qualidade possível. Há:

A necessidade de se investir em todos os cursos, eventos ou processos de formação de professores no sentido de que esses profissionais se fundamentem, capacitem e se exercitem para o hábito da contínua investigação e reflexão sobre sua própria prática [...] Além disso, a formação

dos profissionais da educação terá que ser mais sólida, rigorosa e contemplar: a articulação dos conhecimentos sobre educação, economia, política, sociedade e suas relações. (AVILA, 2003, p. 54).

Muitas vezes a visão estereotipada de que a educação infantil é um momento de escolarização para as etapas dos outros segmentos (ensino fundamental I) pode interferir na qualidade de absorção das vivências das crianças, sendo que, na verdade, esse momento deveria conter o lúdico, a percepção, a troca e o afeto, tendo-se a consciência de que a criança constrói sua própria identidade pessoal e coletiva, brinca, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura.

É, portanto, necessário considerar as especificidades das crianças menores na construção das propostas pedagógicas, pois a educação infantil é a porta de entrada da criança na escola, é necessário se ter uma epistemologia de como se constrói o conhecimento da infância. É imprescindível superar a concepção limitada à função de guarda e preparo para o ensino fundamental, entendendo a creche e a pré-escola como espaços de formação cultural, o que traz todo diferencial para o repertório educacional:

Pesquisas sobre o desenvolvimento humano, formação da personalidade, construção da inteligência e aprendizagem nos primeiros anos de vida apontam para a importância e a necessidade do trabalho educacional nesta faixa etária. Da mesma forma, as pesquisas sobre produção das culturas infantis, história da infância brasileira e pedagogia da infância, realizadas nos últimos anos, demonstram a amplitude e a complexidade desse conhecimento. [...] Neste contexto, são reconhecidos a identidade e o papel dos profissionais da Educação Infantil. (BRASIL, 2005).

As propostas do ensino na educação infantil, segundo as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (2010, p. 12), devem estar permeadas pelos princípios éticos, políticos e estéticos. A elaboração de um projeto curricular coerente com as necessidades e com os direitos das crianças, visando a equidade, também é indispensável, pois há a necessidade de atender crianças menos favorecidas para superar disparidades existentes em uma divisão social onde a desigualdade é marcante. As crianças que nascem em famílias pobres começam sua vida escolar com várias desvantagens e, ao longo de sua trajetória, alcançam menos, aprendem menos, reprovam com maior frequência e, com o tempo, costumam deixar de estudar.

Apesar de a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) considerar a criança um sujeito de direitos e também que é direito da mesma a permanência em creches a

partir de 6 meses a 3 anos de idade (sendo isso opção da família, porém direito da criança) e na pré-escola de 4 a 6 anos de idade, o que se vê no panorama atual é que essa garantia está apenas na teoria, já que, na prática, a realidade é outra. Logo, não há instituições suficientes para atender a demanda dessas crianças, o que evidencia que é necessária a construção de novas instituições para que se consiga o acesso e a permanência dessas crianças nessas instituições de educação. Afinal, não há vagas suficientes nas instituições atuais e os pais, principalmente aqueles de baixa renda, passam um longo tempo na lista de espera para conseguir uma vaga. Tudo isso se justifica porque:

[...] não é a pré-escola que vai fazer uma nova sociedade, mas ela se inscreve no contexto da luta pela nova sociedade: ela busca formar o cidadão, o homem autêntico, autônomo, lutador, autoconfiante. Como? Desenvolvendo na criança – num período em que ela é muito aberta para isso – a capacidade de observação, e percepção, a confiança nas próprias capacidades, as atitudes de convivência, participação, companheirismo e colaboração, a disponibilidade para servir, a capacidade para exigir de si e dos outros o máximo que tem direito. (BITTAR et al., 2003, p. 38).

Percebe-se ainda que há muitas problemáticas a serem superadas na gestão da legislação e também no que tange à pedagogia. No entanto, se faz necessário vencer os desafios da ideia assistencialista e ampliar a visão da criança para além dos aspectos dos cuidados, uma vez que essa ideia deve estar pautada tanto no cuidar quanto, principalmente, no educar de maneira integradora.

Em relação às práticas pedagógicas, é necessário consolidar o espaço de reflexão nas instituições de educação infantil de forma que as práticas possam refletir criticamente sobre o cotidiano, propondo uma educação infantil em que as crianças se desenvolvam, construam e adquiram conhecimento e se tornem autônomas e cooperativas. Para que isso aconteça, é necessário que sejam elaborados instrumentos com base em aspectos fundamentais para a qualidade da instituição de educação infantil, visando a garantia e a promoção de situações em que os profissionais, as crianças e as famílias estabeleçam relações de pertencimento para que se sintam parte integrante da instituição. Desde que nasce, a criança se relaciona com o mundo, sendo a família o seu primeiro contato social, é nesse meio que ela virá buscar apoio, pois o bebê aprende a partir da observação do comportamento e atitudes de seus responsáveis, sendo assim, ele reproduz toda e qualquer atitude que vier aprender no seio familiar, logo os primeiros incentivos devem surgir neste âmbito que precisa acompanhar diariamente as dificuldades e os avanços. Assim a família precisa estabelecer algum tempo para as brincadeiras, embarcando na imaginação das crianças, alimentando as suas ideias e

participando do universo mágico e único delas.

Segundo o Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil (1998, p.14):

(...) a educação assume as funções: social, cultural e política, garantindo dessa forma, além das necessidades básicas (afetivas, físicas e cognitivas) essenciais ao processo de desenvolvimento e aprendizagem, a construção do conhecimento de forma significativa, através das interações que estabelece com o meio. Essa escola promove a oportunidade de convívio com a diversidade e singularidade, a participação de alunos e pais na comunidade de forma aberta, flexível e acolhedora.

Por isso é de fundamental importância que se crie laços entre escola e família, para que em conjunto possam estimular a evolução dessas crianças e assim sejam futuramente cidadãos mais ativos no comprometimento do bem comum, preparando-os também para viver em sociedade. E para consolidar essa aproximação é preciso saber que essa parceria vai depender da relação e da proposta da escola para inserção da família, então a construção do projeto político pedagógico seria um caminho possível para colocar em funcionamento o que está sendo colocado como expectativa.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando os apontamentos realizados neste estudo, nota-se a relevância da dimensão lúdica na vida das crianças, não só nas escolas, mas em todos os ambientes em que estão inseridas. Brincando, elas se comunicam, imaginam e aprendem diferentes coisas. A brincadeira introduz a criança em um universo de sentidos e não somente de ações, valorizando o imaginário da criança para a fantasia com o real e tornando o mundo representado mais desejável pela criança, pois possibilita que a mesma saia do real para descobrir outro mundo, através da imaginação, pelo brincar.

Dessa forma, percebe-se que “é preciso saber entrar no mundo da criança, no seu sonho, no seu jogo e, a partir daí, jogar com ela. Quanto mais espaço lúdico proporcionarmos, mais alegre, espontânea, criativa, autônoma e afetiva ela será.” (DELLABONA e MENDES, 2004, p. 6). Afinal, por esse ato de brincar, elas expressam seus sentimentos, seja de alegria, seja de tristeza, seja de frustrações.

Além disso, a escola é um espaço onde a prática da ludicidade deve acontecer, pois esse ambiente está propício à experimentação de possibilidades, sendo esse espaço um potente instrumento de questionamentos e de transformações, ambos provindos da instituição. Fazer

com que a manifestação lúdica esteja presente no contexto escolar de modo que proporcione a multiplicidade de experiências e de linguagens, superando perspectivas funcionalistas e utilitaristas, requer também a garantia do bem-estar e da diversão, o que, conseqüentemente, age de forma benéfica na produção de conhecimento e no desempenho escolar.

Por fim, para que isso aconteça, é necessário que haja uma sinergia entre todos os integrados nesse sistema. Assegurar esses direitos requer a aplicação de recursos financeiros exclusivamente nesse nível de ensino e também a universalização do atendimento da demanda. Para que essa visão utópica seja consolidada, é elementar que aconteça a promoção da saúde, a disponibilidade de espaços, materiais e mobiliários, a formação e condições de trabalho das professoras e demais profissionais, a cooperação e troca com as famílias e a participação na rede de proteção social. Afinal, esses são os pilares que sustentam o acesso à uma educação de qualidade.

REFERÊNCIAS

- AVILA, V. F. de (2003). **Formação de professores:** política de (des)entendimento entre instâncias normatizadoras e concretizadoras. In: Russeff, I. e Bittar, M. (orgs.). Educação Infantil: política, formação e prática docente. Campo Grande, Plano.
- BITTAR, M.; SILVA, J. P. de O. e MOTTA, M. C. A. In: Russeff, I. e Bittar, M. (orgs.) (2003). **Educação Infantil:** política, formação e prática docente. Campo Grande, Plano.
- BRASIL (2005). Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Política Nacional de Educação infantil:** pelo direito das crianças de zero a seis anos à Educação.
- BRASIL. **Referencial Curricular da Educação Infantil.** Câmara de Educação Básica. Brasília/DF: MEC, 1998.
- BORGES, Samuel Pedrozo. **A Importância do Lúdico nas Séries Iniciais.** 2019.
- BRENNAND, Edna Gusmão de Góes. ROSSI, Silva José. **Trilhas do aprendente volume 4:** Ludicidade e desenvolvimento da criança II. Ed. Universidade/UFPB, João Pessoa, 2009.v.4.
- BROUGÈRE, G. **Brinquedo e cultura.** São Paulo: Cortez, 2001. (Questões da nossa época).
- CAPUTTI, A. P. C.; BOZZO, F. E. F. **O papel do professor nos jogos e brincadeiras com crianças de 5 anos.** 2013.
- CAROLINE, Thais Rodrigues. A importância de jogos e brincadeiras na educação infantil. **Revista Praxis Pedagógica [Internet]**, p. 15-28, 2019.
- CARVALHO, A. M.; GOMES, Priscila de Lara Domingues; ALVES, Maria Michelle Fernandes. **Brincar e Educação:** concepções e possibilidades.. Psicologia em Estudo, Maringá, v. 10, n.2, p. 11-15, 2005.
- Conceito de Brincar. **Conceitos**, 2013. Disponível em: <<https://conceitos.com/brincar/>>. Acesso em: 01 de agosto de 2022.
- DALLABONA, Sandra Regina; MENDES, Sueli Maria Schimit. **O lúdico na educação infantil:** jogar, brincar, uma forma de educar. Revista de divulgação técnico-científica do ICPG, v. 1, n. 4, p. 107-112, 2004.
- FANTACHOLI, Fabiane das Neves. **A IMPORTÂNCIA DO BRINCAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL.** Brasil Escola. Disponível em: <<https://monografias.brasilecola.uol.com.br/educacao/a-importancia-brincar-na-educacao-infantil.htm>>. Acesso em: 02 de set. de 2020
- FIDENCIO, Taciele Raquel. **O Papel do professor de educação infantil nas brincadeiras livre e estruturada.** 2013.
- KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **Brinquedos e brincadeiras na educação infantil.** BRASIL. Ministério da Educação e da Cultura, Conselho Nacional de Educação, Câmara de Educação Básica, 2010.

MACHADO, Marconde. **A poética do brincar**. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

MELO, Luciana; VALLE, Elizabeth. **O brinquedo e o brincar no desenvolvimento infantil**. *Psicologia Argumento*, Curitiba, v. 23, n. 40, p. 43-48, jan./mar.2005.

MENEZES, Ebenezer Takuno de. *Verbetes RCN para a Educação Infantil*. Dicionário Interativo da Educação Brasileira - EducaBrasil. São Paulo: Midiamix Editora, 2001. Disponível em <<https://www.educabrasil.com.br/rcn-para-a-educacao-infantil/>>. Acesso em 05 setembro de 2022.

MUKHINA, V. **Psicologia da idade pré-escolar**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

OLIVEIRA, Zilma de Moraes Ramos de. **A construção cultural da imaginação**. História da pedagogia Volume 2. *Revista Educação*, Ed. Segmento. São Paulo, agosto de 2010.

PELLEGRINE, Marina Joaquim et al. **A importância dos jogos e das brincadeiras na educação infantil**. 2007.

PIAGET, J. **A formação do símbolo na criança: imitação, jogo e sonho, imagem e representação**. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1971.

PIAGET, Jean. **A formação do símbolo na criança**. 3ªed. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

PIAGET, Jean. **A psicologia da criança**. Ed Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998. Publicado em maio, 2013. Pela equipe Editorial de Conceitos. Disponível em: <<https://conceitos.com/brincar/>>. São Paulo, Brasil.

Referencial curricular nacional para a educação infantil / Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. — Brasília: MEC/SEF, 1998. 3v.: il. Volume 1: Introdução; volume 2: Formação pessoal e social; volume 3: Conhecimento de mundo.

SANTIN, Silvino. **Educação Física da alegria do lúdico à opressão do rendimento**. Porto Alegre: EST, 2001.

SERRÃO, Maria dos Remédios Pessoa; SERRÃO, Maria Raimunda dos Santos. **O lúdico como recurso didático na educação infantil**. 2015.

SILVA, Fabiana Fernandes da. **A vivência lúdica na prática da Educação Infantil: dificuldades e possibilidades expressas no corpo da professora**. Universidade Federal de São João Del-Rei-Departamento de Ciências da Educação. São João Del-Rei-MG, 2011

SILVA, Léa Stahlschmidt P. **A dimensão lúdica na criança e seu espaço-tempo na escola**. *Educação em Foco*, p. 261-277, 2015.

SOUZA, Kellcia Rezende; MARQUES, Thays Bernardes; BRAIT, Lilian Rodrigues Ferreira. **O PAPEL DOS JOGOS E BRINCADEIRAS NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA NAS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: UMA ABORDAGEM CONSTRUTIVISTA PIAGETIANA**. *Anais dos Congressos de Pedagogia*, v. 24, n. 1, 2008.

TOQUINHO. **Aquarela**. Letras. Disponível em:
<<https://www.lettras.mus.br/toquinho/49095/>>. Acesso em: 12 de julho de 2022.

VYGOTSKY, L.S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

WAJSHOP, Gisela. **Brincar na pré-escola**. São Paulo: Cortez, 1995.

ZATZ, Silvia. In: ZATZ, André. HALABAN, Sérgio. **Brinca comigo!** Tudo sobre brincar e os brinquedos. São Paulo: Marco Zero, 2006.